
LITERATURA INFANTO-JUVENIL CONTEMPORANEA NO BRASIL E EM MOÇAMBIQUE: TECENDO NEGRITUDES

Maria Anória de Jesus Oliveira¹

Hoje, minha fala e meu olhar expõem um vínculo inegável com a tradição ocidental em que fui formada, mas igualmente traduzem uma ligação incontestável com as tradições, formas de ver e de ser que ecoam uma outra tradição cultural, recalcada, mas que também moldou minhas histórias e aquelas que eu contaria como fruto das experiências pessoais.

(Florentina Souza, 2005, p.21)

RESUMO: O presente estudo visa a análise dos personagens negros nas narrativas literárias infanto-juvenis publicadas no Brasil e em Moçambique no período de 2000 e 2007. Partindo da hipótese de que há obras inovadoras no mercado editorial, no que se refere à composição dos referidos seres ficcionais, detivemo-nos sobre dez narrativas ao todo, sendo cinco de cada país. Para tanto, realizamos a pesquisa bibliográfica e nos norteamos na teoria literária, na crítica e áreas afins, a exemplo das Ciências Sociais e Humanas, com o recorte étnico-racial. Esperamos, a partir das análises, corroborar para a ampliação de subsídios pertinentes à área em foco, levando em conta a implementação da Lei Federal 10.639/03, no que tange à ressignificação da história e cultura africana e afro-brasileira.

Palavras Chave: Literatura infanto-juvenil brasileira e moçambicana, personagens negros, narrativas.

Résumé : Cette étude a pour objectif d'analyser les personnages noirs dans les narrations littéraires infantiles et juvéniles publiées au Brésil et au Moçambique de 2000 à 2007. En partant de l'hypothèse qu'il existe des ouvrages innovateurs sur le marché de l'édition, en ce qui concerne la composition des êtres fictionnels en question, nous nous sommes penchés sur un ensemble de dix narrations, à raison de cinq par pays. Nous avons donc réalisé une recherche bibliographique et nous avons orienté notre recherche au sein de la théorie littéraire, des critiques et des domaines qui y sont liés, comme par exemple les Sciences Sociales et Humaines, selon une approche ethno-raciale. Nous avons l'intention, à partir de ces analyses, de collaborer à l'augmentation de subventions pour le domaine en question, en prenant en compte l'implantation de la Loi Fédérale 10.639/03, qui implique la re-signification de l'histoire et de la culture africaine et afro-brésilienne.

¹ Professora Assistente da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), Doutora em Letras/UFPB, pesquisadora de relações étnicorraciais. E-mail: anoriaoliveira@uneb.br e anoriaoliveira@yahoo.com.br



Mots-clefs : Littérature infantile et juvénile brésilienne et moçambicaine, personnages noirs, narrations.

INTRODUÇÃO

O presente texto resulta de instigações suscitadas no transcorrer da nossa vida acadêmica, haja vista a necessidade de abordar as relações étnico-raciais no âmbito educacional e no material didático em geral. Tais instigações decorreram da preocupação face à produção literária infanto-juvenil que visam à valorização e ressignificação da história e cultura africana e afro-brasileira no mercado editorial.

Após a obrigatoriedade de inclusão da história e cultura afro-brasileira e africana “no currículo oficial da Rede de Ensino”², notamos a inserção de mais livros no mercado editorial que apresentam personagens negros em papéis centrais. Além disso, observamos, também, a divulgação de mais materiais didáticos, pesquisas e *sites* voltados para a área em foco. O novo contexto social tornou-se, assim, um filão fértil para investimentos de produções que delineiam em seu *corpus* o segmento negro, o situando em espaços sociais diversos, seja na África continental seja na África da diáspora³.

Enquanto produto vendável, os livros infanto-juvenis que apresentam seres ficcionais outrora incipientes e pouco editados em nosso país, ao que parece, ganharam maior visibilidade no mercado editorial e, conseqüentemente, no âmbito educacional. No entanto compreendemos que, a despeito do eurocentrismo preponderante, há coexistência entre obras arraigadas de preconceitos étnico-raciais e outras inovadoras. Cabe-nos, então, identificar estas últimas, com vistas a atender a demanda atual. Esse é o cerne do presente artigo.

Ante a necessidade de selecionar e indicar obras literárias menos susceptíveis ao eurocentrismo, ao racismo e ao adultocentrismo, algo precisa ser evidenciado: não basta apenas delinear protagonistas negros, as religiosidades de matrizes africanas e o espaço social africano para se inovar na área em foco visto que, a nosso ver, inovar implica

² Vejam-se as *Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana* (2005, p. 35).

³ Termo utilizado por Elisa Larkin Nascimento (2008), para diferenciar o continente africano da diáspora.

ressignificar os recorrentes estereótipos negativos atribuídos aos personagens negros. Não podemos esquecer, contudo, que a trajetória destes seres ficcionais tem sido marcada por constantes inferiorizações, dentro dos ditames do *racismo à brasileira* desnudado nos estudos de Teles (2003), entre outros estudos precedentes.

Partimos da premissa de que prevaleceu a inferiorização dos personagens negros em nossa trajetória literária com base em relevantes pesquisas na área. À guisa de exemplificação citamos o estudo pioneiro de Fúlvia Rosemberg (1985), além da abordagem na área de psicologia realizada por Edith Piza (1999); em educação por Brazili (1999), Oliveira (2003) e Souza (2005), entre outros estudos não resultantes de dissertações de mestrado e/ou doutoramento⁴.

Apesar de contarmos com os estudos acima aludidos e artigos que nortearam as reflexões que se seguem, destacamos a carência de pesquisas sobre a temática etno-racial na literatura infanto-juvenil brasileira. Em se tratando das produções moçambicanas a escassez é muito maior, tanto é que localizamos apenas um ensaio e um relatório resultante de um evento realizado em Maputo no ano de 2003.

Ao estudar a literatura infanto-juvenil moçambicana e a brasileira não podemos desconsiderar a realidade de onde emergem; afinal Moçambique sofreu as consequências da colonização portuguesa até 1975. Logo em seguida se iniciou um conflito armado que desestabilizou o país, com duração de 16 anos, finalizando-se em 1992. Levar em conta esse complicado contexto pode ajudar a não incorrerem em olhares reducionistas ao comparar a atual fase de *proliferação* de nossa literatura com o “renascimento” ainda embrionário das produções moçambicanas no respectivo mercado editorial. Quer dizer, tratamos de produções imersas em trajetórias e conjunturas socioculturais distintas.

No Brasil, mesmo nos dias atuais, se reconhece a *proliferação* da literatura infanto-juvenil⁵, mas, nestas, os protagonistas negros prosseguem escassos⁶. Em Moçambique, por outro lado, escassa no mercado editorial é a produção literária destinada às crianças e

⁴ Para informações de outros estudos consultar Oliveira (2010).

⁵ Como o reconhece Cademartori (1986) e Lajolo (2004).

⁶ Os estudos da área citados até então evidenciam isso, inclusive nos dias atuais, na área literária infanto-juvenil (ROSEMBERG, 2008) e, conforme observaremos a partir de então, também no romance contemporâneo (DACASTAGNE (2008).

jovens, e nas poucas existentes os personagens negros aparecem em geral através das ilustrações.

Após o estudo de uma média de 80 narrativas literárias infanto-juvenis publicadas no Brasil, nos detivemos sobre cinco, a saber: 1) *Ogum, o rei de muitas faces*, de Chaib e Rodrigues (2000); 2) *Fica comigo*, de Georgina Martins; 3) *O espelho dourado*, de Heloísa Pires Lima (2003) 4) *As tranças de Bintou* (tradução), de Diouf (2004); 5) *Entremeio sem babado*, de Patrícia Santana (2007).

Da literatura infanto-juvenil moçambicana, a partir da seleção de 70 livros, analisamos as seguintes obras: 1) *O menino Octávio*, de Calisto Atanásio (2003); 2) *O cachorro perdido*, de Tellé Aguiar (2003); 2) *O feio e zangado HIV: a história de um vírus*, autoria de alunos de 13 a 15 anos sob a coordenação de Manjate (2006); 3) *Os gêmeos e os raptos de crianças*, de Machado da Graça (2007); 5) *Mbila e o coelho: uma história para todas as idades*, de Rogério Manjate (2007)

Elucidamos, *a priori*, que compreendemos a literatura infanto-juvenil dentro do ponto de vista de Nelly Novaes Coelho (1993, p. 24), que a concebe enquanto “[...] arte: fenômeno de criatividade que representa o Mundo, o Homem, a Vida, através da palavra. Funde os sonhos e a vida prática; o imaginário e o real; os ideais e seu possível/impossível realização”. Esta definição ampla nos remete à arte da palavra e, ao mesmo tempo, à representação da “Vida” humana. Nesse prisma, Coelho entrelaça o mundo “empírico”⁷, real e o “imaginário” (irreal, fictício). Há aí uma interface textual e não a dissensão entre arte literária e a vida humana, conforme persistiu durante algum tempo nessa complexa área de estudos.

Buscamos, então, restabelecer a relação entre literatura e a realidade, conforme propõe Compagnon (2002) e, de certa forma, como o faz Candido (1992), entre outros estudiosos que não reduzem a obra literária ao contexto sociocultural, nem aos fatores intrínsecos meramente. Antes disso, procuram compreender possíveis diálogos, as complementaridades, e/ou rupturas. É esse também o ponto de vista salientado por Pinheiro (2003).

⁷ Para maiores elucidações acerca do “mundo empírico” consultar Noa (2002).

A acepção de arte literária que abordamos leva em conta o ponto de vista de Nelly Novaes Coelho, a contribuição dos *formalistas*, no que se refere à pluralidade discursiva e aos elementos internos da narrativa, mas não se encerra nestes, nem naquela pretensa aliança com a ciência, conforme salientou Propp (1984), em sua *Morfologia dos contos maravilhosos*. De sua abordagem, no entanto, interessam relevantes considerações acerca das *funções*, das *ações* e os *caracteres* dos seres ficcionais, ampliadas a partir de perspectivas oriundas dos mentores da *Negritude* e da *Literatura negra brasileira*⁸.

Em se tratando dos personagens, conforme sabemos, tais seres ficcionais têm sido objeto de discussão ao longo do tempo, gerando consensos e dissensos entre os estudiosos da área. De modo geral, uma das polêmicas em torno deles refere-se à associação e/ou dissociação com a realidade humana. No entanto, salienta Soares (2001, p. 46) embora “[...] alguns críticos venham insistindo na conceituação da personagem como ‘ser de papel’, sem nenhuma identificação com a pessoa viva, ela guarda sempre, em sua ficcionalidade, uma dimensão psicológica, moral e sociológica”. Esse é o viés de Antonio Candido (1992), Beth Brait (1990), Sonia Salomão Kdéde (1990), e nele respaldamos as análises.

NEGRITUDE ENTRELAÇADA

Carrilho (1975), em sua “Sociologia da negritude”, faz um resumo da origem e desdobramentos da *Negritude* na América, na África, no Haiti. Essa pesquisadora considera que Blyden (Estados Unidos) foi o primeiro defensor da “personalidade negra” (1975, p. 66). Munanga (1988, p. 36 a 43) destaca, nos Estados Unidos, Dr. Du Bois e Langston Hughes, “o pai da Negritude e o representante do movimento conhecido sob o nome de renascimento Negro”. Na mesma linha de pensamento, além destes, Fonseca (2006, p. 11) destaca, do movimento da *Negritude*, “o martiniquense Aimé Césaire, o guineense Leon Damas e o senegalês Leopold Sédar Senghor”.

Bernd (1988, p. 18), remetendo-se às “origens” da *negritude* apresenta seu percurso, de maneira sucinta e a define a partir de duas acepções: 1) “*Negritude: substantivo próprio*”; 2) “*negritude: substantivo comum*”. O “sentido lato”, “com n

⁸ Vejam-se: Bernd (1988); Munanga (1988) e, ainda Cuti (2002) e Fonseca (2006).

minúsculo (substantivo comum)”, corresponde à “tomada de consciência de uma situação de dominação e de discriminação, e a conseqüente reação pela busca de uma identidade negra” (cit, p. 18). Tal asserção corresponde à colocação de Césaire (1978, p. 23) quando ele pontua que: “enquanto houver negros haverá negritude”, ou seja, haverá resistência.

Quanto ao “sentido restrito” do termo “**Negritude** – com **N** maiúsculo (substantivo próprio)”, conforme Bernd (1988, p. 20), corresponde a “um momento pontual na trajetória da construção de uma identidade negra dando-se a conhecer ao mundo como movimento [...]”, a fim de “**reverter o sentido da palavra negro, dando-lhe um sentido positivo**”. Eis a *Negritude* (re)afirmada pelos predecessores da África nas diásporas, herdada, (re)contada, recriada pelos escritores dos *Cadernos Negros* e escritores (as) autônomos (as), e de outros autores cujas publicações romperam e resistiram aos limites e imposições do mercado editorial elitista e eurocêntrico (FONSECA, 2006)⁹.

Com base na pesquisa bibliográfica que realizamos, identificamos um leque significativo de narrativas literárias infanto-juvenis que apresentam personagens negros vivendo dilemas existenciais, sociais, étnico-raciais, etc. Muitos destes não se reduzem à denúncia do racismo e tentam trazer à tona situações diversas face aos aludidos seres.

Os eixos temáticos das narrativas analisadas são variados e apresentam, sobretudo, o universo de crianças e jovens na relação com o mundo adulto. Esse é o caso de *Nyame (O espelho dourado)*, *Bintou (As tranças de Bintou)*, *Kizzy (Entremeio sem babado)*, um menino (*Fica comigo*) e os quatro irmãos que nos remetem à mitologia dos Orixás: *Exú, Ogum, Xangô e Oxóssi (Iemanjá e seus filhos)*, nas produções publicadas (e uma traduzida) no Brasil¹⁰.

Em se tratando das obras moçambicanas, é devido à intervenção da *força opositora* que se instaura os *conflitos* vivenciado por protagonistas situados na fase da infância, grosso modo. São eles: *O menino Octávio; os irmãos gêmeos Isa e Zé; Mbila e o coelho*. Além destes

⁹ Referimo-nos aos escritores/poetas: Cuti (Luis Silva), Eduardo Oliveira, Esmeralda Ribeiro, Jônatas Conceição, Lande Onawale, Miriam Alves, Cristiane Sobral, J. C. Limeira, Éle Semóg, Oliveira Silveira, Conceição Evaristo, entre tantos outros.

¹⁰ Embora tenhamos efetivado uma análise bastante detalhada da obras relacionadas acima, em virtude do exíguo espaço para análises mais aprofundadas, nos limitaremos a apresentar os dados gerais acerca das mesmas. Para maiores informações consultar: Oliveira (2010).

temos ainda: o *vírus HIV*; um *cachorro*, e o famoso *coelho*, oriundo dos contos tradicionais moçambicanos¹¹.

No que tange aos traços diacríticos dos protagonistas nas obras moçambicanas, estes não são evidenciados na linguagem verbal e, sim, através das ilustrações. Inclusive todos os personagens, sejam os principais ou secundários, delineados individualmente ou em grupo, têm traços negros realçados por meio da tez, cabelos e demais aspectos físicos como os lábios e o nariz.

A tez negra em *O espelho dourado* é destituída de conotações negativas, é o que garante a resistência sob a intervenção dos antepassados, aliados na luta contra os “Homens fortemente armados, com suas lanças traiçoeiras” (LIMA, 2003, p. 14; 17). Tez e tranças, negros traços associados à riqueza, à beleza, poder e ancestralidade africana. Tranças e tez, simbologia de altivez, força, magia e rara beleza delineada com delicadeza, tais quais “os fios de ouro” que entrelaçaram a força do povo *achanti* refazendo, nas palavras de Heloisa P. Lima, “o bordado da memória” ancestral (p. 22).

Um elemento significativo em algumas narrativas é o fato de se lançar um olhar positivo, destituído de estereótipos face ao continente africano¹². Tal espaço social tendenciosamente vilipendiado ao longo do tempo, quando não invisibilizado, se insurge diversificado, e cada história nos projeta às singularidades.

O ouro, as jóias, os reinados, a beleza, a força são alguns, entre outros indícios inovadores nas narrativas brasileiras. Assim se desconstrói idéias reducionistas e estereotipadas das guerras intertribais, das doenças, da fome, da selva, do atraso, etc. Se insurgem, então, tradições, lutas, conquistas, resistências, e a associação aos fenótipos negros, à beleza da tez e dos cabelos crespos.

Kyzy, da narrativa *Entremeio sem babado*, tem cabelos crespos, cheios e chama a atenção por destoar do padrão eurocêntrico. Sua tez negra e olhos castanhos são realçados pelo vestido cor-de-rosa. Essa protagonista se aproxima de grande parte das crianças negras brasileiras, as quais tenderão a se sentir identificadas com a “menina-menininha” que, a

¹¹ Todas as obras constam das referências (fontes primárias).

¹² Das quais destacamos: *Ogum, e rei de muitas faces*; *As tranças de Bintou*, *Entremeio sem babado* e, principalmente, *O espelho dourado*.

cada dia, usava penteado diferente, desde os “birotos enfeitados, com gominhas coloridas, de trancinhas”, aos rabos de cavalos, entre tantos outros (SANTANA, 2007, p. 6).

As narrativas em foco não sugerem o *embranquecimento* por via da mestiçagem, e não se pautam no “ideal” branco como a norma de “excelência”. Por outro lado, não fazem a apologia a um ostensivo afrocentrismo. Trazem à tona, no entanto, cenários outros capazes de possibilitar que as crianças e jovens vivenciem *conflitos* por terem *desejos* cerceados pelo mundo adulto.

Em *Fica comigo* mãe e filho têm cabelos crespos e, embora não se faça alusão ao pertencimento etnico-racial, ambos são negros, e a *negritude*, semelhante às duas narrativas anteriormente mencionadas¹³, não é posta como um problema a ser enfrentado. O dilema do protagonista tem a ver com os receios de ficar sem mãe, daí o título exprimindo a carência, cuja conotação é de um pedido: *Fica comigo*. Nesse sentido, também expressa um grande dilema contemporâneo para muitas mães: a necessidade de trabalhar e os apelos dos filhos para ficarem com eles.

É importante salientar que o fato de prevalecer personagens negros nas narrativas brasileiras e moçambicanas não configura o chamado “racismo às avessas”, visto que não se propala a superiorização do segmento negro em detrimento do branco. Não há, aqui, nenhuma espécie de revanche. Trata-se, na realidade, de situações vivenciadas em espaços sociais diferenciados, envolvendo relações familiares, sobretudo.

Os *conflitos*, ao serem enredados, trazem à tona algo silenciado ao longo do tempo; as saber, a humanização dos personagens negros, vistos normalmente sem laços familiares e/ou em um viés meramente inferiorizado, reducionista, culminando com o empobrecimento de temas e dilemas dos seres ficcionais, já que circunscritos a papéis marcados por recorrentes estereótipos. Neste sentido, também, as obras em foco trazem contribuições valiosas para o cenário literário.

Em *Fica comigo* se expressa o ponto de vista da criança, em seus receios de “ficar sem mãe”, em *Iemanjá e seu filho*¹⁴, o foco é outro, prevalecendo o medo da mãe de ficar sem os filhos, o que acontece ao final, excetuando-se “Xangô” que, “depois de muito tempo,

¹³ *Entremeio sem babado* e *O espelho dourado*;

¹⁴ Conto constante da coletânea intitulada *Ogum, o rei de muitas faces*.

voltou para a companhia da mãe”. Ele é, portanto, “seu filho mais dedicado e até hoje come com lemanjá em sua casa” (p. 25). Afinal, todos precisavam, a despeito “dos rios de lágrimas” da mãe, como prenunciou o *Ifá*, “[...] conhecer o mundo e construir seus destinos” (p. 25). Entrelaçando os fios narrativos, como bem disse a mãe ao filho em *Fica comigo*, um dia ele ficaria “grandão (p. 19) e não mais precisaria dela, e se precisasse, ela estaria “misturada com a natureza¹⁵”: *o vento, a chuva, as flores, o anoitecer*. Partindo desse prisma, a morte (materna) se associa a um viés que se aproxima das perspectivas religiosas de matrizes africanas e, nesse aspecto, dialoga com os demais contos da coletânea *Ogum, o rei de muitas faces e outros Orixás*.

A literatura infanto-juvenil contemporânea de ambos os países¹⁶ (Brasil e Moçambique), não expressa um “eu” que reivindica a *negritude* outrora vilipendiada pelo racismo. Os *conflitos* dos protagonistas são de outra ordem, assim como os *objetos de desejos*. Mas nem por isso deixam de corroborar para a afirmação identitária negra. Em outras palavras, apesar de a identidade negra não ser colocada como um problema a ser superado pelos seres ficcionais, os quais não vivenciam crises existenciais por conta dos seus fenótipos, também não se aproximam da apologia da mestiçagem. Ao contrário, observamos a admiração dos traços que remetem à *raiz* africana, com vistas a valorizar o legado ancestral. Em se tratando das obras moçambicanas, não há alusão aos fenótipos negros no texto verbal.

Se tais obras não trazem à tona problemas pertinentes às relações étnico-raciais, a exemplo do racismo, da rejeição pelos fenótipos negros e/ou da assunção da *negritude*, nem por isso deixam a desejar no tocante à ressignificação da história e cultura africana e afro-brasileira, visto que delineiam seres ficcionais não mais pautados em perspectivas eurocêntricas. Com isso colaboram para ampliar o leque de temáticas impressas no *corpus* literário, possibilitando que os leitores se projetem aos espaços sociais pouco abordados - tanto em Moçambique quanto no Brasil - como, também, sugerem modos de ser e viver distintos.

¹⁵ Veja-se nos diálogos das páginas 19 a 26 no livro *Fica comigo*.

¹⁶ E a traduzida (*As tranças de Bintou*).

Há, nas narrativas, quem deseja ter “tranças” e não “birotes” (*As tranças de Bintou*), há variação nos penteados afros (*Entremeio sem babado*). Há ainda “trançado com fios de ouro” e “moedas de ouro” como enfeite dos cabelos crespos. E a “pele negra” é capaz de reluzir, ficando intransponível aos perigos quando se é guiado “pelos ancestrais, pela determinação” e pelo amor (*O espelho dourado*). Resultam, daí, atos heróicos nas fabulações que remetem ao passado imperioso de um povo que não se deixou vencer, ou o presente de quem persiste sem sucumbir. Entre estes estão também os Orixás divinizados, em suas aventuras e desventuras. Sobressai a beleza, a riqueza, o poder de conquista, as lutas, fracassos e, também, a força em tempos imemoriais (*Ogum, o rei de muitas faces*).

FRATURAÇÕES LITERÁRIAS

É possível asseverar que as obras aqui enfocadas expressam o cotidiano brasileiro e africano, principalmente, a exemplo de Moçambique. Nessa perspectiva seguem a direção do pensamento da pesquisadora e escritora Conceição Evaristo (2007, p. 6) ao asseverar que a produção dos escritores afro-brasileiros expressam “[...] um olhar valorativo sobre a cultura e o corpo negro”. Com isso “imprimem [...] um discurso específico que fratura o sistema literário nacional em conjunto”.

A “fratura” consiste na inserção de temas, idéias e subjetividades preteridas da chamada literatura canônica e/ou impressa em seu *corpus* textual tendenciosamente desqualificada ou omitida, de modo a perpetuar e hierarquizar, diga-se de passagem, a tendência marcadamente eurocêntrica em detrimento das demais, a exemplo da ascendência africana¹⁷.

Para melhor evidenciar tal “fratura” faz-se necessário focar algumas asserções de Antonio Candido (2002), quando ele aborda o papel da literatura na sociedade e, ainda, a influência do viés eurocêntrico na trajetória histórica de nossas produções.

O *papel social* da literatura, explica Candido (2002), é a “capacidade [...] de confirmar a humanidade do homem”. De exprimir “o homem e depois” atuar na sua “própria formação” (cit, p. 80). A literatura, portanto, resulta da capacidade humana de

¹⁷ E obviamente, a indígena que, inclusive, teve seu apogeu na era romântica, mas sob a ótica européia.

“sistematizar a fantasia”, partindo de uma percepção que se tem da realidade. Logo, complementa: a “fantasia quase nunca é pura. Ela se refere constantemente a alguma realidade: fenômeno natural, paisagem, sentimento, fato, desejo de explicação, costumes, problemas humanos, etc” (cit., p. 81).

A literatura, segundo o viés de Candido (2002, p. 81), resulta da capacidade de se recriar e se redimensionar a realidade através da fantasia. Emerge, daí, seu papel social e psicológico sem prescindir, necessariamente, o contexto em que estamos envolvidos. Além disso, é possível, transcendê-lo “por via oral ou visual” (cit. p. 81). E, mais, se “a literatura, como a vida, *ensina* na medida em que atua com toda a sua gama [...] (cit, p. 83), já que satisfaz a uma necessidade individual e “universal de fantasia e contribui para a formação da personalidade” (cit, p. 85), sua “[...] sua *função social* “[...] foi ao mesmo tempo humanizadora e alienadora (cit, p. 86)”.

A *alienação*, para Candido (2002), consiste nos intentos mal sucedidos de exprimir uma dada realidade nacional, com autenticidade, como se constituindo uma literatura genuinamente brasileira quando, nesta, prevalecia a perspectiva européia. E quando se intentou a contemplação de outras matrizes, a exemplo das indígenas e negras, isso não passou de “ilusão”. Em virtude disso o referido pesquisador compreende que,

Diante da realidade histórica [...] devemos rechaçar a ilusão de alguns teóricos do passado, como Silvio Romero, que criou uma teoria de sabor nacionalista, adaptada a nossas necessidades espirituais de então, porém idealista. Esses teóricos diziam que a literatura brasileira se formou por convergência das tradições literárias do português, do índio e do negro. Nós sabemos que isso é uma ilusão, e o próprio Silvio Romero em sua *História da literatura brasileira* trata única e obviamente da literatura derivada da portuguesa. As outras são tratadas de passagem na “Introdução” do ponto de vista etnográfico e folclórico (CANDIDO, 2002, p. 109)

Se levarmos em conta a asserção acima as de Evaristo – anteriormente aludidas - sobre a “fratura do sistema literário” compreenderemos que, desde a fase colonial aos períodos subseqüentes, tem-se privilegiado a ascendência européia nas produções, mesmo quando se disse contemplar a diversidade sociocultural.

As obras infanto-juvenis sobre as quais nos debruçamos, ao que parece, não deixam de, também, “fraturar” o “sistema literário” tendenciosamente eivado de supremacia do branco, em detrimento do negro. As inovações vêm surgindo aos poucos, e as obras africanas permanecem exceções em nosso mercado editorial. Ou seja, não é possível afirmar que o limitado recorte das dez produções sobre as quais nos debruçamos estejam condizentes com o panorama geral. Afinal, no que tange às relações étnico-raciais, há muita distância em propalar a inovação e, de fato, efetivá-la, quando se vive em uma sociedade que, em seu percurso histórico, prossegue se mirando com lentes eurocêtricas.

Ao reconhecer que a “nossa literatura é a do setor dominante”, Candido (2002, p. 109) compreende a relevância de “abrir eventualmente um espaço para as manifestações literárias reprimidas ou desqualificadas”. Para além dessa assertiva de Candido compreendemos que as literaturas colocadas a margem vem, em seu percurso histórico, se insurgindo. Dentre estas encontramos a *literatura* que para uns é *negra* e, para outros *afro-brasileira* e/ou *afrodescendente*. Na direção destas se situam as obras infanto-juvenis cuja tessitura visa a valorização e resignificação das *raízes* africanas. Daí dizer-se que para ficcionalizar tais raízes, têm-se voltado “para o passado remoto para reinventar África e tradições”¹⁸, além de recriar o presente.

Os personagens das obras aqui enfocadas, sejam as publicadas no Brasil, sejam as moçambicanas, trazem nas ilustrações a tez negra e cabelos crespos, sem incorrer em traços caricaturados. Há tematizações, *ações* e *espaços sociais* diversificados, contendo protagonistas, sobretudo, ativos que expressam, compartilham aflições, desejos, por meio da própria voz ou através do narrador. São, assim, humanizados, e não excluídos das condições básicas para viver em sociedade e/ou no ambiente familiar.

Enquanto seres humanizados, já que *sujeitos* de *ações*, são fundamentais para o desenrolar da trama. Um dos traços marcantes disso é a afetividade nas relações familiares. Vale ressaltar que o modelo de família não se reduz ao padrão patriarcal. Então, nas histórias, nem sempre o pai aparece, e isso não implica na reconfiguração da orfandade. Ao

¹⁸ Evaristo (2007, p. 19).

que parece é o papel da mãe que se procura destacar, sem se destituir a figura do pai, necessariamente.

A família nuclear, constituída de um casal e dois filhos, aparece só na obra moçambicana *Os gêmeos e os raptos de crianças*. Nas narrativas brasileiras faz-se alusão ao pai, à mãe, irmão e avós, em *As tranças de Bintou* (traduzida). Há, também, a alusão aos pais, irmão e avó em *Entremeio sem babado*. Excetuando-se estas, é a mãe que prevalece sem se fazer menção à figura do pai em *Fica comigo* e em *Ogum, o rei de muitas faces*.

Nas moçambicanas prevalece a relação entre mãe e filho (a) em *Mbila e o coelho*, cujo pai é ausente, não atua na trama, mas se faz alusão a ele inicialmente e ao final da trama. Menciona-se, também, a avó. Em *O menino Octávio*, era a mãe a única companhia do protagonista, pois o pai e demais familiares foram mortos devido a guerra. Em *O cachorro perdido*, a presença materna é a base de proteção do animal dela separado e dos irmãos.

A única obra que traz à tona a questão da orfandade é *O menino Octávio*, muito embora não haja a associação entre orfandade e marginalidade, conforme prevaleceu nas obras brasileiras, principalmente nos anos 80. Em outras palavras, o modelo familiar tradicional não é a tônica das narrativas, e a mãe é a base fundamental de proteção e afetividade.

Excetuando-se o livro *Fica comigo* que não dá pistas sobre o ambiente espacial, nas demais se delinea e/ou se faz alusão ao continente africano. Em *Ogum o rei de muitas faces* há o passado remoto da nação *ketu* situada em palácios e reinados ostentando-se o poder e riquezas, além de prevalecer florestas, rios e mares repletos de farturas. Um exemplo disso, entre outros, pode ser observado quando se faz alusão a *Oió*, “um grande reino na África, onde existia fartura de água, de alimentos e todos viviam alegres”, entre eles *Oxalá*, *Xangô* e *Exu* (p. 26). O rio Níger, semelhante à obra *O espelho dourado*, é destacado em *A rainha dos raios*, ao se situar a “região do rio Níger”, reinado por *Iansã* (p. 33)¹⁹.

Conforme é possível notar nessa síntese que ora apresentamos, as narrativas brasileiras não só valorizam como, também, ressignificam a história e cultura africana e afro-brasileira. Um pouco da história do segmento negro é recontada através da mitologia dos

¹⁹ É mais um dos contos do livro *Ogum, o rei de muitas faces*, de Chaib e Rodrigues (2000).

orixás e da força dos *achantis*. As *ações* heróicas, os receios, mas, sobretudo de luta, resistência, coragem, riscos e vitórias nos projetam a tempos remotos nas proximidades do rio Níger e a outras partes do continente africano, desvelando-se o poder dos ancestrais que acolhem, guiam, protegem os seus e, assim, os ajudam a salvaguardar tradições, gestando futuros promissores. Eis o que ocorre com Nyame e o guerreiro, também com a maioria dos orixás nos contos *Ogum, o rei de muitas faces*.

Os protagonistas negros não são destituídos da humanização que os enlances familiares possibilitam vivenciar, mas, mesmo assim, a família não é idealizada com filhos passivos e obedientes às determinações do adulto. Se uns não se atrevem a questionar as tradições e/ou os pais, outros driblam e nem sempre cumprem o que lhes foi designado.

Podemos constatar, até então, que os protagonistas negros das produções contemporâneas analisadas visibilizam vozes outrora silenciadas. Destoam, desse modo, da tendência temática que os reduzia à desumanização. São, então, exceções no mercado editorial, assim como outras que, aos poucos²⁰, vem ampliado o leque de opções inovadoras no cenário literário atual.

(IN) CONCLUSÃO

Uma vez exemplificando alguns indícios inovadores através das dez narrativas apenas enfocadas aqui, precisamos prosseguir identificando possíveis entrelaces, o que implica retomar as tendências inferiorizantes. Afinal, inovações não surgem do nada, mas, sim, em relação a algo que foi modificado e se afigura transformado. Daí ser necessário não só retomar as tendências predominantes já aventadas como, antes, as ampliar, de modo a exemplificar nossas constatações.

Se levamos em conta a trajetória de invisibilização e/ou as inferiorizações precedentes observaremos que as obras sobre as quais nos debruçamos trazem inovações para o cenário literário. Afinal, delineiam protagonistas negros que expressam *conflitos* diversos, prescindindo-se estereótipos negativos. Mas, nem por isso são idealizados, simbolizando a perfeição. São seres *sujeitos* de *ações* e vivem envoltos às afetivas relações

²⁰ Se comparadas aos dados quantitativos de obras que privilegiam personagens brancos, e o estudo de Dalcastagnè (2008) é um exemplo disso, assim como o levantamento de Rosemberg (2008).

familiares. Agem em prol de um determinado *objeto de desejo* e cada um, do seu modo, o conquista, além de não se restringirem a espaços sociais marginalizados.

Enfim, o contexto atual no Brasil exige que nos debruçemos sobre a literatura infanto-juvenil observando a temática, os seres ficcionais; se são caricaturadas, se contemplam a diversidade etnico-racial, se reforçam estereótipos, se os desconstrói, se renovam. Em outras palavras, faz-se necessário atentar ao “que” se conta (a história), o “como” se conta e, ainda, “como” se ilustra os seres ficcionais. Além disso, em se tratando dos personagens negros, é imprescindível não perder de vista os recorrentes estereótipos cristalizados socialmente, caso contrário corremos o risco de reforçá-los²¹.

Diante da demanda atual, precisamos desvendar nosso olhar, muitas vezes embaçado pelo *racismo à brasileira*²². Daí a necessidade de (re)aprendermos (re)ler, a interpretar essa literatura que começa a aparecer no mercado livreiro com mais intensidade. Resta-nos, então, prosseguir, pesquisar, as identificar, analisar e recomendar. As veredas prosseguem, portanto, entreabertas.

REFERÊNCIAS

I – FONTES PRIMÁRIAS (LITERÁRIAS)

AGUIAR, Tellé. **O cachorro perdido e outros contos**. Moçambique: Fundo Bibliográfico de Língua Portuguesa, 2003.

ATANÁSIO, Calisto; NEVES, Angelina e CIRÍACO, H (adaptação). **O menino Octávio**. Moçambique: Ndjira, 2003.

CHAIB Lídia e RODRIGUES, Elizabeth. **Ogum: o rei de muitas faces e outras histórias dos orixás**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

DIOUF, S. A. **As tranças de Bintou**. São Paulo: Cosac & Naif, 2004.

GRAÇA, Machado. **Os gêmeos e os raptos de crianças**. Moçambique, Promédia/Associação Progresso, 2006.

LIMA, Heloisa P. **O espelho dourado**. São Paulo: Peirópolis, 2003.

LOURENÇO, Aderito e outras crianças (13 – 14 anos); MANJATE, R. (coord.) **O feio e zangado HIV: história de um vírus**. In. Nafamba Xikolwene (vou à escola). Gabinete da Cooperação para o Desenvolvimento/Embaixada da Itália em Maputo: Moçambique, 2006.

²¹ Conforme tem ocorrido em boa parte das nossas produções destinadas às crianças e aos jovens, por exemplo.

²² A esse respeito consultar Teles (2003).

MANJATE, Rogério. **Mbila e o coelho**: história para todas as idades. Moçambique: Ministério da Educação/Escola Portuguesa de Moçambique, 2007 (Coleção Acácia).

MANJATE, Rogério. **O coelho que fugiu da história**. São Paulo: Ática, 2009.

MARTINS, Georgina. **Fica comigo**. São Paulo: DCL, 2001.

SANTANA, Patrícia. **Entremeio sem babado**. Belo Horizonte: Mazza, 2007.

II – SECUNDÁRIAS

ANDRADE, Inaldete P. de **Racismo e anti-racismo na literatura infanto-juvenil**. Recife: Etnia Produção Editorial, 2001.

BRAIT, Beth. **A personagem**. São Paulo: Ática, 1990.

CADEMARTORI, Lígia . **O que é literatura infantil**. São Paulo: Brasiliense, 1986.

CANDIDO, Antonio et al. **A personagem de ficção**. 5ª ed. São Paulo: Perspectiva, 1992.

CANDIDO, Antonio. A literatura e a formação do homem. In. CANDIDO, Antonio. **Textos de intervenção**. São Paulo: Duas Cidades, Editora 34, 2002, pp. 77-120.

CAVALLEIRO, Eliane. **Do silêncio do lar ao silêncio escolar**. São Paulo: Contexto, 2000.

CARRILHO, Maria. **Sociologia da Negritude**. Lisboa: Edições 70, 1975.

CÉSAIRE, Aimé. **Discurso sobre o Colonialismo**. Lisboa: Sá da Costa, 1978.

COELHO, Nelly. **A literatura infantil**: história, teoria, análise. São Paulo: Ática, 1993.

COMPAGNON, Antoine. **O demônio da teoria**: literatura e senso comum. Trad. Cleonice Paz B. Mourão e Consuelo F. Santiago. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2001.

CUTI, Luis Silva. O leitor e o texto literário. In. FIGUEIREDO, Maria do Carmo e FONSECA, Maria Nazareth S. **Poéticas afro-brasileiras**. Belo Horizonte, Mazza: PUC-Minas, 2002. pp. 9-36.

DALCASTAGNÈ, R. **A personagem do romance brasileiro contemporâneo**: 1990-2004, disponível em <http://www.cronopios.com.br/anexos/regina_dalcastagne.swf> acesso em 1/03/2010.

EVARISTO, Conceição. “Dos sorrisos, dos silêncios e das falas”, in. SCHNEIDER, Liane e MACHADO, Charliton (Org). **Mulheres no Brasil**: resistência, lutas e conquistas. João Pessoa: Editora Universitária/UEPB, 2006, pp.111-122.

EVARISTO, Conceição. **Literatura negra**. Rio de Janeiro: CEAP, 2007.

FONSECA, Maria Nazareth. Literatura negra, literatura afro-brasileira: como responder à polêmica? In. SOUZA, Florentina e LIMA, Maria Nazaré (Org). **Literatura Afro-Brasileira**. Centro de Estudos Afro-Orientais, Brasília: Fundação Cultural Palmares, 2006.

- GOMES, Nilma Lino. **A mulher negra que vi de perto**. Belo Horizonte: Mazza, 1995.
- KHÉDE, Sônia Salomão. **Personagens da literatura infanto-juvenil**. São Paulo: Ática, 1990.
- LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. **Literatura infantil no Brasil: história & histórias**. São Paulo: Ática, 2004.
- MUNANGA, Kabengele. **Negritude. Usos e sentidos**. São Paulo: Ática, 1988.
- NOA, Francisco. **Império, mito e miopia: Moçambique como invenção literária**. Lisboa: Caminho, 2002.
- OLIVEIRA, Maria Anória de J. **Negros personagens nas narrativas literárias infanto-juvenis brasileiras: 1979-1989**. 2001, Dissertação (Mestrado em Educação) – Departamento de Educação da UNEB, Salvador, 2003.
- OLIVEIRA, Maria Anória de Jesus. **Personagens negros na literatura infanto-juvenil brasileira e moçambicana (2000 – 2007): entrelaçadas vozes tecendo negritudes**. Tese (Doutoramento em Letras). Departamento em Letras, UFPB, João Pessoa, 2010.
- OLIVEIRA, Maria Anória de Jesus. **Relações Étnico-Raciais na Educação e a Literatura Infanto-Juvenil: nas veredas da lei federal 10.639/03(?!)**. In. LINS, Juarez Nogueira e outros (Org). **Linguagem e Discursões Culturais**. João Pessoa: PB, 2006, Ed. dos Organizadores, 2006, pp.283-303.
- PINHEIRO, Hélder (Org). **Pesquisa em Literatura**. Campina Grande. Bagagem, 2003.
- PIZA, Edith. **O caminho das águas: estereótipos de personagens negras por escritoras brancas**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: Com-arte, 1998.
- PROPP, Vladimir. **Morfologia do conto maravilhoso**. Tradução Jasna P. Sarhan. Rio de Janeiro: Florence Universitária, 1984.
- ROSEMBERG, Fulvia e SILVA, Paulo Vinícius Baptista da. **Brasil: lugares de negros e brancos na mídia**. In. DIJK, T. A. Van (Org.). **Racismo e discurso na América Latina**. São Paulo: Contexto, 2008, pp. 73-117.
- ROSEMBERG, Fúlvia. **Literatura Infantil e ideologia**. São Paulo: Global, 1985.
- SILVA, Ana Célia. **A discriminação do negro no livro didático**. Salvador: CEAO/CED, 1995.
- SOARES, Angélica. **Gêneros literários**. São Paulo: Ática, 2001.
- SOUSA, Andréia Lisboa de. **A representação da personagem feminina negra na literatura infanto-juvenil brasileira**. In. **Educação anti-racista: caminhos abertos pela Lei Federal no. 10.639/03**. Brasília, MEC/SECAD, 2005, pp.105-120.
- SOUZA, Florentina da Silva. **Afro-descendência em Cadernos Negros e Jornal do MNU**. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.
- TELES, Edward. **Racismo à brasileira: uma nova perspectiva sociológica**. Rio de Janeiro: Relume Dumará: Fundação Ford, 2003.

VENANCIO, Ana C. Lopes. **Literatura infanto-juvenil e diversidade**. 2009 (Mestrado em

ANEXO 1

	Título Publicação: 1ª. edição	Autoria	Ilustrador (a)	Editora
1	<i>Ogum: o Rei de muitas faces e Outras histórias dos Orixás</i> (2000)	Lídia CHAIB e Elizabeth RODRIGUES	Miadaira	Cia. das Letras, reedição/2005 - Selo: FNLIJ: Altamente Recomendável.
2.	<i>Fica comigo!</i> (2001)	Georgina MARTINS	Elisabeth Teixeira	DCL (Difusão Cultural do Livro) - Menção Honrosa no Prêmio Adolfo Aizen e inclusão no Catálogo da Feira do Livro Infantil de Bolonha de 2003
3	<i>O Espelho Dourado</i> (2003)	Heloisa Pires LIMA	Taisa Borges	<u>Peirópolis,</u>
4	<i>As tranças de Bintou</i> (2004)	Sylviane A. DIOUF	Shane W. Evaans	Cosac & Naif, Tradução, - Prêmio: Altamente recomendada, FNLIJ 2005. - história africana
5	<i>Entremeio sem babado</i> (2007)	Patrícia SANTOS	Marcial Ávila	Mazza Edições
6	<i>O menino Octavio</i> (2003)	Calisto ATANÁSIO	Angelina Neves e Hermenegildo Ciríaco	Ndjira - Aprovada em concurso: Associação Progresso
7	<i>O cachorro perdido</i> (2003)	Tellé AGUIAR	Não identificado	Fundo Bibliográfico de Língua Portuguesa (FBLP) - Aprovada em concurso(FBLP)
8	<i>Os raptos de crianças</i> (2006)	Machado da GRAÇA	Lurdes Faife	Promédia - Edição promovida pela Progresso
9	<i>O feio e zangado HIV: história de um vírus</i> (2006)	Estudantes, sob a coordenação de Rogério MANJATE	Estudantes do Ginásio (13 a 15 anos)	- Diversos órgãos, inclusive a Fundação Nacional do Livro Infanto-Juvenil (FNLIJ)
10	<i>Mbila e o coelho</i> (2007)	Rogério MANJATE	Sem identificação	Ministério da Educação, e outros órgãos escolares.

Educação). Departamento de Educação, UFPR, Curitiba.